



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Veiralves de Castro

Vice-reitora

Maria Christina Paixão Maioli



EDITORA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Antonio Augusto Passos Videira

Italo Moriconi (presidente)

Ivo Barbieri

Luiz Antonio de Castro Santos

Maria Flora Sussekind

Pedro Colmar Gonçalves da Silva Vellasco

Conselho Editorial da Série

Alice Casimiro Lopes (UERJ)

Dario Fiorentini (Unicamp)

José Gonçalves Gondra (UERJ)

Maria Isabel da Cunha (Unisinos)

Zaia Brandão (PUC-Rio)

Organização
Carmen Lúcia Guimarães de Mattos
Helena Amaral da Fontoura

Etnografia e educação: relatos de pesquisa



Rio de Janeiro
2009

Copyright © 2009, dos autores

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, sob quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.



EdUERJ

Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rua São Francisco Xavier, 524 - Maracanã

CEP 20550-013 - Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax.: (21) 2334-0720 / 2334-0721

www.eduerj.uerj.br

eduerj@uerj.br

Editor Executivo

Italo Moriconi

Assessoria Gerencial

Carmen da Matta

Coordenador de Publicações

Renato Casimiro

Coordenadora de Produção

Rosania Rolins

Coordenador de Revisão

Fábio Flora

Revisão

Andréa Ribeiro

Marcelo dos Santos

Priscila Thereso Gurgel

Capa

Heloisa Fortes

Projeto e Diagramação

Emilio Biscardi

Apoio Administrativo

Maria Fátima de Mattos

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

E84 Etnografia e educação / Organização, Carmen Lúcia Guimarães de Mattos, Helena Amaral da Fontoura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

224 p. – (Série Pesquisa em Educação / Cultura Escolar)

ISBN 978-85-7511-153-6

1. Pesquisa educacional. I. Mattos, Carmen Lúcia Guimarães de. II. Fontoura, Helena Amaral da. I. Série.

CDU 37.012



Este livro foi financiado pela FAPERJ, tendo sido avaliado e aprovado pelos comitês acadêmicos da mencionada agência.

Sumário

Foreword	7
Frederick Erickson	
Apresentação.....	9
Carmen Lúcia Guimarães de Mattos	
Helena Amaral da Fontoura	
Etnografias na escola: duas décadas de pesquisa sobre o fracasso escolar no ensino fundamental.....	11
Carmen Lúcia Guimarães de Mattos	
Revisitando dados e refletindo sobre o uso de vídeo em etnografia	31
Helena Amaral da Fontoura	
O ensino itinerante como apoio para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes regulares: uma análise etnográfica	47
Márcia Denise Pletsch	
Rosana Glat	
Corpo: rebelde ou docilizado? Uma análise etnográfica do controle na sala de aula	63
Paula Almeida de Castro	
Quando a pesquisa educacional sai da escola: trajetórias acadêmicas de adolescentes que viveram nas ruas	79
Cleonice Puggian	

Corpo: rebelde ou docilizado?
Uma análise etnográfica do controle
na sala de aula¹

Paula Almeida de Castro

*A pesquisa é talvez a arte de se
criar dificuldades fecundas e de
criá-las para os outros. Nos lugares
onde havia coisas simples, faz-se
aparecer problemas.
Bourdieu (2004)*

Este trabalho teve como objetivo estudar o controle exercido pela professora sobre seus alunos e alunas em sala de aula e como ele implica na rotina pedagógica,² suas consequências no desempenho e

¹ Este trabalho é parte da dissertação *Controlar para quê? Uma análise etnográfica da interação entre professor e aluno na sala de aula* (2006), orientada pela professora doutora Carmen Lúcia Guimarães de Mattos, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Proped/UERJ).

² “A pedagogia é um esforço deliberado para influenciar os tipos e os processos de produção de conhecimentos e identidades em meio a determinados conjuntos de relações sociais e entre eles. Pode ser entendida como uma prática pela qual as pessoas são incitadas a adquirir determinado ‘caráter moral’. Constituindo a um só tempo atividade política e prática, tenta influir na ocorrência e nos tipos de influência. Quando se pratica pedagogia, age-se com a intenção de criar experiências que, de determinadas maneiras, irão estruturar e desestruturar uma série de entendimentos de nosso mundo natural e social. O que estamos enfatizando aqui é que

avaliação dos alunos e alunas e o aumento das condições de desigualdade em sala de aula.

Para subsidiar o entendimento da sala de aula, observamos as cenas, eventos, atos, ações e falas nos conselhos de classe compostos por professoras, diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica. Essa observação possibilitou uma visão macro da rotina escolar e dos procedimentos adotados pela professora com seus alunos e alunas na sala de aula estudada.

A vida de sala de aula, como a de qualquer outra situação social, não é dada *a priori*, nem tomada de empréstimo a outra situação, ao contrário, é construída, 'definida e redefinida' a todo o momento, revelando e estabelecendo os contornos de uma interação em construção. Interação enquanto encontro em que os participantes, por estarem na presença imediata uns dos outros, sofrem influência recíproca, daí negociarem ações e constroem significados dia a dia, momento a momento (Cajal in Cox et al., 2001, p. 127).

Essa construção diária na sala de aula implica no estabelecimento de uma interação que promova a inclusão dos alunos sem que para isso ocorram interpretações pré-concebidas das capacidades dos mesmos. Nessa perspectiva, a sala de aula se configura como um espaço interacional que interfere na vida daqueles e daquelas que dela participam. Por isso, a importância de estudá-la e voltar a ela toda vez que buscamos compreender a dinâmica que ocorre em seu interior.

Na busca desse entendimento, realizamos o estudo em um Centro de Integração Pública (CIEP), que, em seu projeto inicial, visava à implementação de escolas de horário integral no Rio de Janeiro. A ideia da construção de escolas de horário integral esteve

a pedagogia é um conceito que enfoca os processos pelos quais se produz conhecimento" (Giroux e Simon, 1995a, p. 97).

vinculada a uma proposta política do então governador Leonel Brizola e do vice-governador e secretário de Estado e Cultura, Ciência e Tecnologia, Darcy Ribeiro, e ao projeto arquitetônico desenvolvido por Oscar Niemeyer.

A escola na qual realizamos o trabalho de campo tem seu funcionamento em horário integral com atividades criadas a partir das necessidades dos alunos com relação aos conteúdos pedagógicos. Uma dessas atividades é a recuperação paralela, em que os alunos e alunas com rendimentos abaixo da média frequentam a escola durante o ano em horários especiais, no intuito de melhorar seu desempenho acadêmico.

Nesse contexto, a etnografia crítica de sala de aula (Mattos, 1995) contribuiu para que os aspectos observados convergissem para o controle dos alunos e alunas, evidenciando como as formas de atuação das professoras, diretora e coordenadora pedagógica, tanto na escola como na sala de aula, não consideram o aluno enquanto principal ator escolar. Foi possível perceber, em nosso estudo, como o discurso e a prática funcionam de maneira excludente e que, apesar dos esforços de implementação de políticas pedagógicas que visam à criação de uma escola inclusiva, humanitária, voltada para o atendimento das necessidades educacionais de seus alunos, há ainda uma lacuna a ser preenchida. Lacuna esta relacionada com as formas de controle da professora sobre os alunos e alunas. Tais formas de controle são apresentadas nas categorias encontradas na análise indutiva de dados, sendo elas: corpo, tarefa, agressão, espaço, barulho, tempo, problemas de aprendizagem, problemas familiares, faltas, medicalização, violência, estigma, nota, conselho tutelar. O entrelaçamento das categorias com o objeto de estudo apresenta o cotidiano escolar mediado pelo controle das práticas escolares, estruturando a dinâmica de sala de aula a partir de um espaço de exclusão e miséria na escola.

Destacamos a categoria corpo para apresentar o controle exercido pela professora na sala de aula a fim de docilizar e monitorar os corpos dos alunos.

Com este trabalho, acreditamos que seja possível ampliar o debate sobre os desígnios da educação que há tanto tempo caminham na tentativa de oferecer condições de superação de uma realidade excludente e desigual. A escola pública é, ainda, o espaço de construção de conhecimento que pode oferecer condições sociais, econômicas, culturais e educacionais aos que nela acreditam.

No estudo que realizamos, foi possível visualizar as instâncias tanto psicológicas quanto físicas regendo o cotidiano da escola e da sala de aula. Para definirmos o objeto de estudo, foi necessário tecer considerações sobre os mecanismos de vigilância, a hierarquia escolar e a estrutura física, que atuam como mecanismos de controle exercido na escola sobre os alunos e alunas.

O conceito de controle que estamos utilizando parte dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Foucault (1987, 1997, 1999, 2001) e aplicados nos estudos sobre instituições. Utilizamos o referencial teórico de Goffman (2005) e Bourdieu (2005) subsidiando a teoria que fomenta o trabalho realizado. Por controle entendemos as estratégias utilizadas para monitorar, inspecionar e fiscalizar. Os espaços precisam ser vigiados e controlados de acordo com padrões normativos oriundos de uma sociedade que utiliza cada vez mais recursos tecnológicos de vigilância, como câmeras, escutas e identificadores de chamada.

Foucault utiliza o termo controle para designar mecanismos de vigilância que não servem exclusivamente para punir, mas corrigir e prevenir, caracterizando uma ortopedia social. Para a configuração do controle dos corpos dos indivíduos, Foucault (2003) aponta o desenvolvimento de instituições (século XIX) “que vão enquadrar os indivíduos ao longo de sua existência; instituições pedagógicas como a escola, psicológicas ou psiquiátricas como o hospital, o asilo, a polícia etc.” (p. 86).

O poder disciplinar envolve o uso de instrumentos de vigilância que atuam subliminarmente³ no cotidiano escolar. Dentre os di-

versos instrumentos existentes, destacamos: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. A aplicação de tais instrumentos e a adequação a eles ocorre o tempo todo nas interações entre os profissionais da escola e os alunos.

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento (Foucault, 1987, p. 145).

A escola não estaria relacionada apenas com a ideia de espaço para a aprendizagem. Ela abarcaria, segundo Foucault,

o ensinamento propriamente dito, a aquisição dos conhecimentos pelo próprio exercício da atividade pedagógica, enfim uma observação recíproca e hierarquizada. Uma relação de fiscalização, definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino: não como uma peça trazida ou adjacente, mas como um mecanismo que lhe é inerente e multiplica sua eficiência (1987, p. 148).

Dessa hierarquização escolar, consideramos, especificamente na escola estudada, a organização da gestão escolar. A coordenação pedagógica representa a figura central na determinação de regras na escola, juntamente com a vice-direção. A direção e os professores estariam no mesmo nível de tomada de decisão e os alunos e alunas estariam no último plano, apenas se adequando às sanções escolares. Essa hierarquia implica uma maquinaria de poder:

para que o indivíduo tome consciência dele, atua – quando repetido – no sentido de alcançar um efeito desejado.

³ O conceito de subliminar tem fundamentos na psicologia. Pode-se considerar subliminar um estímulo que, embora não seja bastante intenso

Passou-se de uma tecnologia do poder que expulsa, que exclui, que bane, que marginaliza, que reprime, a um poder que é enfim um poder positivo, um poder que fabrica, um poder que observa, um poder que sabe e um poder que se multiplica a partir de seus próprios efeitos (Foucault, 2001, p. 61).

As formas de exercício de poder para a obtenção de uma vigilância hierarquizada estão ligadas às relações de poder que ela implica. Se o aluno sabe que seu comportamento está sendo avaliado pelo olhar do professor e, ainda, que será considerado no seu resultado final, ele agirá de forma que a professora o avalie positivamente. Foucault (1987) afirma que a vigilância assume um papel de supervisão direta do trabalho dos subordinados pelos superiores, assim como a execução da tarefa em sala de aula: os alunos sentam-se às mesas ou carteiras, normalmente dispostas em fileiras, todos em função do professor. Os alunos devem parecer alerta, ou então estar absorvidos em seu trabalho. Entretanto, na prática, isso dependerá das habilidades do professor e das inclinações dos alunos no sentido de agirem de acordo com o que se espera deles.

A escola e a sala de aula possuem um modelo quase ideal para o exercício da vigilância: a disposição das carteiras dos alunos e da mesa do professor é feita de modo a proporcionar o controle pelo olhar. É diagrama de um poder que age pelo efeito de uma visibilidade geral (Foucault, 1987). Foucault alude à estrutura física das salas de aula para salientar os mecanismos de vigilância utilizados. Ele explica que os velhos esquemas de encarceramento são substituídos pelos espaços vazios, as passagens, as janelas de vidro, entre outras formas de dar visibilidade ao interior dos ambientes fechados, como a sala de aula.

Pela utilização de tais mecanismos, a atuação escolar poderia ser considerada como local de aplicação de um controle rígido sob todo e qualquer desvio às normas estabelecidas, que seriam: o cumprimento dos horários de saída e chegada, a obrigatoriedade de permanecer em silêncio, sentado com “modos” e executando as tarefas.

Desse modo, a escola se constituiria de

uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (Foucault, 1987, p. 149).

A partir de tais considerações, foi possível perceber a importância da estrutura física e das diversas formas de vigilância presentes na escola para o exercício do controle.

Corpo: rebelde ou docilizado?

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

Foucault, 1987

Em Foucault, a descoberta do corpo é tida como objeto e alvo de poder. O corpo passa de uma noção de suplícios e castigos para uma ideia de reforma e disciplina. Nesse sentido, saem de cena as punições físicas e entra a disciplina dos corpos marcada pela escolarização.

A configuração das salas de aula, desde seu surgimento até os dias atuais, sofreu modificações em sua estrutura física sem, contudo, abandonar seu caráter primordial de “docilizar os corpos” (Foucault, 1987). A disposição das carteiras em sala de aula, filas para locomoção dos corpos, posição das mãos para trás, cabeças baixas e posição do corpo ao sentar (sempre virados para frente) são indícios de controle dos corpos objetivando a disciplina pela individualização destes. Uma vez ordenados em fileiras e sentados, a vigilância da professo-

ra torna-se mais eficaz, podendo ela localizar o aluno que desejar a qualquer momento.

O controle dos corpos sugere ainda a noção de vigilância também presente na obra de Foucault, ou seja, a organização dos corpos no espaço físico permite a melhor visualização e, portanto, o controle eficaz sobre os mesmos. A visão de qualquer ângulo dos corpos facilita a identificação daqueles que se encontram fora dos limites estabelecidos para eles. O corpo como categoria surgiu em nosso trabalho na tentativa de evidenciar os métodos coercitivos que são aplicados sobre os corpos dos alunos para a obtenção do controle em sala de aula.

Na sala de aula estudada, percebemos como a movimentação dos corpos dos alunos e alunas, seus gestos e suas atitudes são medidos e avaliados pelo olhar atento da professora. O “sentar com modos” é uma fala utilizada pela professora na sala de aula na tentativa de controlá-los, sem, contudo, deixar claro seu objetivo sobre qual a posição a que ela estaria se referindo. “Vira para frente” e “senta no seu lugar” são também falas utilizadas pela professora para conter os corpos dos alunos e alunas em suas carteiras. Os alunos, a seu modo, ora sentam, ora continuam de pé, dependendo do interesse na atividade que está sendo proposta pela professora.

Esse investimento de controle dos corpos é interiorizado pelos alunos e alunas ao longo do seu processo de escolarização. Sendo assim, eles sabem que devem estar em fila, sentados nas suas carteiras e realizando a tarefa proposta pelo professor.

Fazendo uma análise comparativa da sala de aula estudada com a obra de Foucault, podemos tecer algumas considerações relevantes para o nosso trabalho no que se refere ao corpo. Nos estudos de Foucault (1987) encontramos uma passagem de uma visão do corpo como alvo de punições e castigos para a disciplina e vigilância. Tais considerações são feitas a partir de “instituições totais” (Goffman, 2005) e de escolas, ao longo dos séculos, podendo ser trazidas para os dias de hoje. As instituições escolares evoluíram no que se refere à estrutura física que aprisionava e à extinção da aplicação de punições

aos corpos. Contudo, foram substituídas tais punições por uma forma moderna de disciplina que seria o controle dos corpos funcionando de maneira silenciosa, internalizando normas e regras nesse corpo.

Ao lançarmos mão dos estudos de Foucault (1987) para melhor compreendermos a sala de aula da atualidade, devemos considerar as características intrínsecas a esta. O corpo de cada um desses sujeitos entra em um processo de docilização/disciplinalização de formas em momentos variados, e há ainda aqueles e aquelas que resistem a esse processo. A disciplinalização e a docilização inscrevem marcas nesse corpo que o tornam investimento de poder submetido à escolarização. Nem sempre os corpos serão de fato docilizados. Esses corpos que resistem são diferentes do contingente dos que se adaptam, sem resistência, sem contestação, a esse processo promovido pela escola (Perrenoud, 2004; Giroux, 1997). Silenciosos e obedientes, os que se docilizam e se disciplinam são considerados bem-sucedidos.

Nossos estudos apontam que para obter o controle dos corpos em sala de aula a professora utiliza falas de ordem para os alunos e alunas. A individualização dos corpos nas carteiras e a vigilância quanto à sua movimentação indicam a postura da professora no controle da sala de aula. Esse controle do corpo é permeado pela execução da tarefa com os alunos e alunas sentados em suas carteiras:

Sheila: Vamos sossegar aí? Gerson [erra o nome do aluno]... vamos parar com a necessidade de se aparecer! Vamos sentar...

Eu quero vocês sentados...

Gerson: Mas eu tô sentado...

Sheila: Felipe, você já fez sua tarefa? Senta no seu lugar!

Sheila: Olha só, não quero ninguém em pé. Senão não consigo ver. [Nesse momento, todos os alunos estão sentados].

Nos três eventos de fala destacados, a professora procura manter a turma sentada, entendendo que, estando os alunos e alunas nos lugares destinados a eles, a tarefa proposta estaria sendo realizada. Mesmo que os alunos estejam sentados, tornou-se comum a preocu-

pação da professora em pedir que ocupem seus lugares. A organização dos corpos está relacionada com a ocupação do espaço físico. Os corpos devem estar dispostos de forma que sejam vistos e a atividade executada seja controlada pelo olhar. Em outro evento destacado em nossas análises, a interação entre a professora e o aluno ocorre pela retirada da cadeira do aluno que se dirigiu até ela para olhar o livro que ela estava lendo para a turma como parte da tarefa a ser executada por eles:

Sheila: Marcelo, vai sentar no seu lugar.

Marcelo: Não quero sentar não.

Sheila: Você não quer ficar sentado não? Então vou tirar sua cadeira e vou te deixar em pé até o final! Tá bom assim?

Ela arrasta a cadeira para frente da sala. Ele fica passeando pela sala.

Sheila: Mas também você vai ficar parado aí!

Ela retoma o texto e Marcelo deita no chão, colocando a mochila como apoio.

Sheila: Marcelo, você vai parar de palhaçada ou vou ter que tirar você da sala de aula? [Agora o aluno está de joelhos e apoiado na mesa.] Pega sua cadeira! Vai lá. [O aluno não se levanta e a professora pega a cadeira.]

A não submissão à ordem de sentar acarretou a retirada da cadeira, e o aluno, recebendo a ordem de permanecer em sua carteira, deita no chão apoiando a cabeça na mochila e retomando a atividade proposta. Quando a professora sugere que o tiraria da sala de aula, o mesmo se apoia nos joelhos e volta a escrever sobre a mesa.

Qual o sentido de tal punição? No entendimento de Sheila, o sentido residiria no fato de que, ao retirar a cadeira, o aluno permaneceu no espaço destinado a ele. De outra forma, o mesmo aluno, ao terminar suas tarefas, se levanta e fica andando pela sala.

A professora esboça preocupação com o movimento dos corpos na sala de aula, dentro e fora da escola. Ela chama a atenção para o fato de que, enquanto os alunos estão sentados, ela pode “controlar melhor a coisa” (palavras da professora). Os métodos utilizados por ela denotam que o controle só é atingido por meio de punições.

Assim, não ocorrem saídas da escola para passeios como museus, exposições, devido à preocupação da professora com o comportamento que os alunos adotarão fora dos muros da escola. Podemos ainda acrescentar que a professora também apresentaria dificuldades de controlar os alunos pelos métodos que comumente utiliza na sala de aula.

Qual seria o comportamento a ser seguido em circunstâncias como visitas a um museu? Nessas visitas, o professor ou acompanhante é o responsável pela orientação dos alunos: “Sheila: O que as pessoas vão pensar... se forem a um museu. Eles não sabem se comportar”.

No evento destacado, a professora comenta a percepção de outras pessoas sobre o comportamento dos alunos. Como as visitas acontecem sob a orientação da professora da turma, ela não assumiria o risco, por se tratar de alunos a quem ela solicita que sentem a todo o momento.

O espaço da sala de aula é ocupado pelos alunos de maneira organizada e de acordo com a orientação da professora. Mesmo que já tenham finalizado sua tarefa ou estejam sentados, ela solicita que eles permaneçam em suas carteiras. A disposição dos corpos na sala de aula implica numa adequação às normas escolares, tais como permanecerem sentados e executando as tarefas propostas; o contrário é visto como rebeldia e é punido pelos gritos de ordem, expulsão da sala de aula ou retirada da cadeira.

A análise realizada neste trabalho permitiu visualizar as características da prática pedagógica em sala de aula, ao direcionarmos nosso olhar para a relação professor-aluno, bem como o modo como esta se estabelece, baseada no controle. Questionamos para que o controle era exercido na escola, procuramos compreender sua natureza e seu funcionamento, que podem desencadear o sucesso ou

fracasso escolar de alunos e alunas. Ao final, entendemos que o controle ocorre *para que* alunos e alunas sejam mantidos de acordo com as normas escolares instituídas para *educar pelo controle*.

Os estudos de Foucault (1987), Goffman (2005) e Giddens (2005) contribuíram para o entendimento sobre a relação da estrutura física das instituições, influenciando as interações que se estabelecem em seu interior. Na sala de aula, foi possível perceber que o controle é uma tentativa da professora de conter os corpos dos alunos no espaço para a realização da tarefa, mas que este é burlado por eles para a execução de atividades mais agradáveis sob o seu ponto de vista, como cantar e dançar.

Foi possível perceber ainda, neste estudo, que o intuito dos professores de controlar os alunos por meio do corpo, das agressões, do espaço, do barulho e do tempo é feito para que a tarefa proposta seja executada pelos mesmos. Dessa forma, as categorias encontradas em cenas rotineiras na sala de aula estudada estão relacionadas ao cumprimento do ofício do aluno (Perrenoud, 1994), o que implica, necessariamente, no seu engajamento no trabalho escolar.

Acreditamos que o aluno vai para a escola para realizar sua tarefa. Sendo assim, o objetivo principal da permanência em sala de aula é o trabalho escolar, que, portanto, é controlado pela professora em suas diferentes instâncias: pelo corpo, agressão, espaço, barulho e tempo; por isso a ocorrência elevada de situações relacionadas ao corpo. Para Foucault (1987), os corpos dóceis representam essa adequação ao trabalho, no nosso caso, ao trabalho escolar. Quanto maior for o controle exercido sobre os corpos, mais os alunos estarão executando suas tarefas. As agressões verbais e físicas representam neste estudo uma forma de intimidação dos corpos. Presenciamos diversas cenas em que a professora ora ameaça os alunos com reprovação, ora anda por entre as carteiras batendo com a régua na mão e nas mesas. Tal comportamento se aproxima da definição de Bourdieu (2005) de violência simbólica, a qual corresponderia à adaptação invisível que fazemos a determinados contextos sociais.

O trabalho realizado ressalta uma preocupação no âmbito escolar: o controle dos alunos em detrimento da aprendizagem, fato que sempre acompanhou a escola, desde seu surgimento. Na sala de aula estudada, tal característica surgiu como uma espécie de pano de fundo para o entendimento do ofício do aluno. Era mais importante para a professora cumprir as exigências do currículo mínimo estabelecido do que criar um espaço de aprendizagem na sala de aula.

O educar pelo controle suplanta a possibilidade de uma escola inclusiva, no sentido de explicar sem compreender as diferenças e os fracassos daqueles que escapam à padronização escolar, mais ainda pela incoerência entre o discurso emancipatório e a prática pedagógica elitista. Assim, o professor, ao se deparar com a realidade das salas de aula das escolas públicas (em destaque neste trabalho as escolas do Rio de Janeiro), deve não somente sentir que faz parte da vida escolar de seus alunos e alunas, mas também que desempenha um papel fundamental na leitura de mundo desses que acreditam ser a escola o caminho para a superação das desigualdades sociais em que vivem.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia na prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.
- . "Tendências atuais da pesquisa na escola". *Caderno CEDES*, dez. 1997, v. 18, n. 43, pp. 46-57.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECKER, H. S. *Outsiders: studies of sociology of the deviance*. Nova Iorque: The Free Press, 1963.
- BERGER, P. L. et al. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Barbara Catam. São Paulo: UNESP, 2004.

- . *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CASTRO, P. A. de. *Controlar para quê? Uma análise etnográfica do controle na interação entre professor e aluno na sala de aula* (dissertação). UERJ, 2006.
- COX, M. I. P. et al. (orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- DUBET, F. *As desigualdades multiplicadas*. Trad. Sérgio Miola. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2003.
- ERICKSON, F. "Ethnographic microanalysis of interaction". In LECOMPTE, M. D. et al. (orgs.). *The handbook of qualitative research in education*. Nova Iorque: Academic Press Inc., 1992.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- . *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- . *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- . *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Buen. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- e SIMON, R. "Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular". In MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995a.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARGREAVES, A. "A política emocional no fracasso e no êxito escolar". In MARCHESI, A. et al. *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- KINCHELOE, J. L. *A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno*. Trad. Nize Maria Campos Pellanda. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- . "As origens da desigualdade escolar". In MARCHESI, A. et al. *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MATTOS, C. L. G. de. "Etnografia crítica de sala de aula: o professor pesquisador e o pesquisador professor em colaboração". *Revista da Ciência da Educação: Educação e Sociedade, CEDES e PAPIRUS*, ago. 1995, ano 16, n. 51.
- . "O conselho de classe e a construção do fracasso escolar". *Educação e Pesquisa*, São Paulo, mai.-ago. 2005, v. 31, n. 2, pp. 215-28.
- e CASTRO, P. A. de. "Uma análise etnográfica das dificuldades educacionais de alunos e alunas e do (des)controle de professores e professoras: C mais D o que dá?". *I Congresso Internacional Educación, Lenguaje y Sociedad*. La Pampa, 2004.
- . "Análises etnográficas das imagens sobre a realidade do aluno no enfrentamento das dificuldades e desigualdades na sala de aula". In BARBOSA de O. I. et al. *Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, pp. 103-16.
- MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995a.
- . *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- PERRENOUD, P. *O ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Trad. Júlia Ferreira e José Cláudio. Porto: Porto, 1994.
- . *Os ciclos de aprendizagem. Um caminho para combater o fracasso escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SENNA, L. A. G. "Categorias e sistemas metafóricos – um estudo sobre a pesquisa etnográfica". *IV Fórum de Investigação Qualitativa*. Juiz de Fora, 2005 (no prelo).